

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADEMICA DE PSICOLOGIA**

DA CRIANÇA SINTOMA AO SINTOMA DA CRIANÇA: O QUE AURÉLIO NOS ENSINA?

GABRIEL FERREIRA DA SILVA

CAMPINA GRANDE

2018

GABRIEL FERREIRA DA SILVA

DA CRIANÇA SINTOMA AO SINTOMA DA CRIANÇA: O QUE AURÉLIO NOS ENSINA?

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de psicologia, da
Universidade Federal de Campina
Grande – UFCG, como requisito para
obtenção de título de graduação em
Psicologia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Gabriella Valle
Dupim da Silva.**

CAMPINA GRANDE

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

S586c

Silva, Gabriel Ferreira da.

Da criança sintoma ao sintoma da criança: o que Aurélio nos ensina? / Gabriel Ferreira da Silva. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

26 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Gabriella Valle Dupim da Silva, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise. 2.Sintoma. 3.Criança. I. Silva, Gabriella Valle Dupim da. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2017.2)

Às 14 horas do dia 14 de março de 2018, reuniu-se no(a) _____ do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Julgadora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Da criança sintoma ao sintoma da criança: o que Aurélio nos ensina? da(o) aluna(o) Gabriel Ferreira da Silva, composta pelos professores Gabriella Valle Dupim da Silva (Orientador), Gláucia Gorski, Karynna Magalhães Barros da Nóbrega, para a sessão de defesa pública do citado trabalho, requisito para a obtenção do Grau de Graduação do curso de Psicologia. Abrindo a sessão o(a) orientador(a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho de Conclusão de Curso, passou a palavra ao discente para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos membros da Comissão Julgadora e respectiva defesa do graduado. Nesta ocasião não foram (foram/não foram) solicitadas correções no texto escrito. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A(o) aluna(o) foi considerada(o) APTO, por unanimidade, pelos membros da Comissão Julgadora, tendo sido atribuído a nota 10 ao seu TCC. O resultado foi então comunicado publicamente a(o) aluna(o) pela(o) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a(o) Presidente da Comissão Julgadora deu por encerrado o julgamento que tem por conteúdo o teor desta Ata que, após lida e em conformidade com as exigências da defesa, será assinada por todos os membros da Comissão para fins de produção de seus efeitos legais.

Campina Grande, 14 de março de 2018.

Gabriella Valle Dupim da Silva
Orientador(a)

Gláucia Gorski
Examinador(a)

Karynna M. Barros da Nóbrega
Examinador(a)

Aos meus pais que, com muito carinho e apoio, investiram em mim, sempre estendendo suas mãos quando mais precisei. A distância e as renúncias valeram a pena e que essa vitória é graças a vocês. Sempre soube que nunca estive sozinho nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

À todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meus amigos, meus familiares.

À minha irmã, Gabriela, que nunca deixou de acreditar em mim e no meu potencial, sempre dizendo que posso alcançar todos os meus objetivos.

À Géssica, Anne e Amanda, que mesmo longe, nunca deixaram de me apoiar, me ouvindo quando era possível e como foram e são importantes para mim.

À Brígida que sempre pude contar, seja com longas ligações ou longas conversas, pessoa que teve papel importante para que eu não desistisse no meio do caminho.

À minha orientadora, Gabriella, pela paciência, pela compreensão e que mesmo com a distância nunca deixou de me ajudar, posso dizer que minha formação não teria sido a mesma sem a sua pessoa.

À Karinna e Pauleska, que compartilhei o começo daquilo que veio a ser esse trabalho. Obrigado pela ajuda!

“Desde a origem, a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras.”

Jacques Lacan

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. A criança e a linguagem.....	9
3. A criança no discurso analítico.....	10
4. O sintoma da criança.....	15
5. Segredos familiares.....	17
6. Caso clínico.....	19
7. Conclusão.....	23
8. Referências.....	25

RESUMO

Trata-se de uma revisão bibliográfica, especificamente de obras, textos e artigos, que discutem a direção do tratamento no atendimento clínico infantil, orientado pela psicanálise. Fragmentos de uma experiência clínica de uma criança de cinco anos, que tem como queixa inicial, apresentada pelos pais, dificuldades com a fala. Partindo da premissa lacaniana que cada criança pode ocupar duas posições distintas diante do Outro, o trabalho versará sobre o sintoma nela apresentando, bem como a criança se insere no discurso analítico e os segredos familiares.

Palavras-chave: Psicanálise; Sintoma; Criança

ABSTRACT

It is a bibliographical review, specifically of works, texts and articles, which discuss the direction of treatment without clinical child care, guided by psychoanalysis. Fragments of a clinical experience of a five year old child, who has as initial complaint, presentation by parents, difficulties with speech. Starting from the Lacanian premise that each child can occupy two different folders in front of the Other, the work will deal with the presenting symptom, as well as a child without analytical discourse and familiar secrets.

Keywords: Psychoanalysis; Symptom; Child

1. Introdução

Na clínica psicanalítica, muito raramente, a criança chega aos consultórios revelando seu desejo de fazer análise. O que acontece é que a demanda vem de terceiros, apontando que a criança tem algum problema que precisa ser resolvido. A questão da clínica com crianças seria a investigação da queixa inicial, cujo papel do analista é possibilitar que a demanda seja ela dos pais, da escola ou de quem procura a clínica, surja através da própria criança. Investigar se é seu o próprio sintoma ou se esse sintoma é dos pais.

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma escuta orientada pela psicanálise, considerando-se o sintoma da criança, a sua verdade psíquica e intrínseca a sua realidade contextual, do laço parental ou lugar de objeto no desejo do Outro¹. O brincar é parte dessa constituição que surge e, por estar diretamente relacionado ao sintoma, mostra-o nas suas diferentes formas. Por isso, a brincadeira proporciona a criança se haver com seu lugar e lançar-se como senhora do seu desejo num papel ativo. Podendo falar daquilo que não está posto em palavras, metaforizar e inventar (SOARES; OLIVEIRA, 2015 p.1054).

O fragmento de caso da criança em questão ainda encontra-se em tratamento. A fim de manter o anonimato da criança chamarei-o de Aurélio, fazendo alusão ao dicionário, pois este nos ensina sobre as palavras. Aurélio chega ao Serviço Escola de Psicologia da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) por indicação da professora e psicóloga da creche onde estuda por apresentar dificuldades com a fala. Em um primeiro encontro, ao escutar os pais e suas queixas, os mesmos afirmaram que levaram o filho para outros profissionais como fonoaudiólogo e neurologista e ambos sugeriram tratamento psicológico, posto que ele não havia nenhum problema orgânico em relação a fala..

Antes do relato do caso, será necessário situar a criança do discurso analítico, tendo em vista que ela pode entrar neste ato, se tratando de sujeito do inconsciente, bem como relacionar a criança com a linguagem, afinal o extrato clínico abordará questões com a fala e a maneira particular que o paciente encontra para fazer laço, situando também o que é um sintoma para a psicanálise e por fim os segredos familiares que são revelados através dos atendimentos.

¹ Sobre o grande outro que “é o palco que, ao dormir, se ilumina para receber os personagens e as cenas dos sonhos. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido”, ou seja, distingue-se do (pequeno) outro que pode ser entendido se tratando do semelhante, do próximo [...] a letra que aparece nos matemas para se referir ao Outro é A, do termo *Autre*, em francês. E como matema não se traduz, o Outro é sempre referido com a letra A, em todas as línguas e nos matemas de Lacan [...] A é o lugar onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência, de seu sexo e de sua história. A própria condição do sujeito depende do que se desenrola no Outro (QUINET, 2012, p. 15).

2. A criança e a linguagem

Costa (2007, p.58) ressalta que Lacan, em seu retorno a Freud, em que parte da linguística estrutural de Saussure, irá também repensar os pressupostos saussurianos, uma vez que este não leva em conta o sujeito. Embora utilize os termos significante e significado, Lacan inverte a ordem formulada por Saussure e privilegia o significante, além de afirmar que não há relação entre o significante e o significado, que são ordens distintas e separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação. Seria então através dos significantes que a criança me trouxesse que poderia então construir o caso clínico, buscando não interpretá-los, assim dando à criança um lugar de sujeito. “Isto porque a clínica do significante, a clínica que leva um atravessamento da psicanálise, não é simplesmente a clínica da palavra enunciada” (JERUSALINSKY, 2009, p.129).

Moura (1975, p.04) reforça que buscar compreender todos os atos e palavras da criança é apagar a possibilidade de que o processo analítico ocorra e que a criança venha a assumir uma posição desejante.

Costa (2007, p.63) afirma que a formulação lacaniana do sujeito do significante implica pensar o sujeito pela sua relação com a fala e com o Outro. A linguagem é soberana e preexiste ao sujeito. Se, logo após o nascimento, o bebê grita, este grito é descarga e é a resposta do Outro que transforma o grito em apelo, em demanda. A partir daí, a criança entra no mundo da linguagem, entra no campo da fala, mesmo que ela ainda não fale, e até mesmo que seja surda. “A mãe fala e faz um intervalo na medida em que supõe o bebê como sujeito que tem algo a dizer, sustenta ali a suposição de um desejo no bebê, sustenta ali a alteridade. Temos aí a voz², a voz como objeto da pulsão oral que produz laço com o outro e que também assume o sentido de chamado de um sujeito.” (JERUSALINSKY, 2009, p.115).

“Nessa direção, podemos dizer que é a mãe que "dá a voz" ao bebê ao tomar suas fonações como um chamado. Se a mãe toma o grito do bebê apenas como um som, apenas discrimina em que nota da escala musical o som foi emitido, em lugar de perguntar "que foi, nenê?", ou seja, de produzir uma interrogação pelo enigma do desejo que supõe ao bebê, teremos ali apenas a dimensão da phone, mas não a da vox. É preciso que a vocalização como puro objeto acústico caia, seja recalçada, para ganhar um sentido enigmático e ser tomada na dimensão de um chamado no laço com o outro. É justamente a partir da instauração de um enigma do desejo que a

² A palavra voz está etimologicamente relacionada com o termo vox do latim, que significa tanto vocalizar na língua quanto produzir um chamado. Daí os termos invocação, que implica chamar os deuses; evocação, que implica chamar à lembrança; ou convocação, que implica chamar entre pares. Enquanto o termo phone, do grego, do qual se derivam fonação, afonia, disfonia, cacofonia, refere-se especificamente à produção do som, o termo voz pressupõe que a produção sonora seja tomada como chamado. (JERUSALINSKY, 2009, p.115)

criança se tornará falante na tentativa de a ele responder.” (JERUSALINSKY, 2009, p.116).

Lacan no Seminário 20, *Mais, Ainda* (1972-1973, p.190) afirma que:

“O inconsciente é um saber, uma saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa em muito aquilo do que se pode dar conta em nome da linguagem. Alíngua nos afeta primeiro por todos os efeitos que comporta e que são afetos. Se é possível dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem é pelo fato mesmo de que os efeitos de alíngua, que já estão aí como um saber, vão bem além de tudo o que o ser que fala é capaz de enunciar.”

Afirma Lefort (1991 p.18) que de um modo geral, Lacan, situando o sujeito no discurso, lembra que a neurose é uma “questão que o ser coloca para o sujeito”, uma questão, diz Freud, que ele coloca a partir “dali onde estava antes que o sujeito viesse ao mundo”. Miller (2007, p.82), situando os *assuntos de família no inconsciente*, afirma que “com efeito, nossa própria língua, que nós falamos, é sempre a língua que alguém falava antes de nós. Logo, se a família é uma "encarnação", ela é uma encarnação daquilo que Lacan chama de lugar do Outro. Em psicanálise, o lugar do Outro se encarna na figura da família”. (MILLER, 2007, p.82)

A língua falada por cada um “é um assunto de família e que a família no inconsciente é, primordialmente, o lugar onde aprendemos a língua materna. É por isso que o lugar da família está ligado à língua que falamos, quero dizer, que falar, falar numa língua já é dar testemunho de um laço com a família”

Lefort (1991, p.11) tentando entender o discurso da criança afirma que devemos, antes de mais nada, nos distanciar da abordagem familiar, anamnésica, e social, onde o personalismo a disputa com a psicologia, a menos que a criança, em caso de psicose, se torne a causa viva, permanente, de um desvio sempre renovado do discurso de um dos pais – na maioria dos dois.

Meira (1975, p.06) pontua que é no discurso da criança e dos pais, os sonhos, atos falhos, sintomas, desejos, histórias, é dar lugar às formações do inconsciente, tornando possível, através da transferência, a criação de novas posições subjetivas. “A estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto. É isto que faz a unidade da psicanálise” (LEFORT, 1991, p.13). Logo, é possível pensar a análise de crianças tendo como referência o que já se encontra teorizado no campo da psicanálise, utilizando conceitos como sintoma ou fantasma, não havendo, portanto, necessidade de pensar em uma psicanálise de crianças, mas em psicanálise simplesmente. (BRAUER, 1997, p.81).

3. A criança no discurso analítico

No decorrer da história nota-se que a definição de criança foi modificada paulatinamente. Houve um tempo que, na Idade Média, não se tinha um lugar particular para a criança, uma vez que quando desmamada, tornava-se apenas uma espécie de companhia natural do adulto, contudo na idade clássica, entre os séculos XVI e XVIII, existiu a necessidade de uma nova preocupação, ligada possivelmente à emergência de uma nova classe social, cuja preocupação era a educativa, propondo a produção de adultos convenientes para os ideais da sociedade, adequando as crianças e moldando-as aos ideais da burguesia em ascensão (CLASTES, 1991, p. 137). No direito, numa relação concreta com a Lei, ou seja, com o discurso do Mestre, a criança não é considerada para efeitos civis e penais como responsável pelos seus atos, salvo exceções. Sobretudo o Direito não lhe dá meios de dispor de seus atos, numa assinatura onde é invalidada. Apesar de haver uma clara distinção entre adulto e criança, nesse âmbito, a psicanálise, não invalida outros discursos, mesmo não estando no mesmo terreno (VALAS, 1991, p. 142).

Ao nascer a criança responde a um lugar que é incapaz de auto sustentação, necessitando, assim, de um Outro tutelar, para a psicanálise não é, necessariamente, da ordem do biológico e sim de funções: função paterna e função materna. O lugar da criança na trama familiar se sustentará por duas vias: presa no fantasma da mãe, em caso de psicose e como sintoma do casal parental, em caso de neurose (LACAN, 2003, p.369). Podemos pensar que em uma análise com crianças, em virtude de questões circunstanciais e de estrutura, a presença dos pais vai sempre surgir, de uma forma ou de outra. Se o sintoma da criança está ligado à questão dos pais, ou seja, ligado à verdade do par parental, ligado ao objeto, ao fantasma, acreditamos que seja fundamental operar com esta situação. Considerar cada caso na sua especificidade e fazer um julgamento ético. Meira (2004)

Antes do nascer existe um lugar simbólico, uma antessala ao nascimento, marcado por preparativos que antecedem a chegada da criança, escolha do nome, a escolha do enxoval para menino ou para menina, ou seja, já pode situar referências imaginárias e simbólicas do discurso parental, possuindo um lugar psíquico no desejo da família, bem como, além desse discurso parental há os mitos, proibições, as possibilidades da família e os significantes que tornam esse bebê “algo para alguém”. (BARBOSA, 2013, P.12)

Miller (2014, p.04), num texto intitulado *A criança entre a mulher e a mãe*, aponta que a criança “não somente preenche, mas também separa” e que seja importante que ela divida, afinal é imprescindível que a mãe deseje outras coisas além dela, caso contrário “ou ela sucumbe como dejetos do par genitor, ou, então, entra com a mãe numa relação dual que o alicia”.

Nesse sentido:

“É a partir dessa falta inaugural marcada pela presença e ausência materna que o psiquismo da criança vai se organizando e possibilitando o desenvolvimento da criança, ou seja, é a partir dessa relação inaugural que vai se desdobrando a construção do esquema e da imagem corporal da criança, entretanto para que isso aconteça também é necessário que as figuras parentais possam sustentar suas funções e garantir-lhe o acesso à linguagem.” (BARBOSA, 2013, P.15)

Barbosa (2013, p.23) vem mostrar que para se instaurar esse corte nessa fusão mãe-bebê é imprescindível que a criança note que sua mãe não é inteiramente dela, fazendo perceber que seu desejo vai além dessa díade, é necessário que incida nesse Outro a metáfora paterna. Miller (2014, p.03) apoia essa ideia, corroborando que a metáfora paterna remete a uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno. Quer dizer que há uma condição de não-tudo, que o objeto criança não deve ser tudo para o sujeito materno, mas que o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele que remete o sujeito ao mundo, substituindo e barrando o desejo materno de mantê-lo aprisionado no lugar de objeto.

Partindo desse ponto, então, temos o Nome-do-pai na construção por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe, justamente esse “lugar da”, ponto essencial do progresso representado pelo complexo de Édipo (LACAN, 1999, p.186).

“Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico” (LACAN, 1999, p. 152), tido assim como uma lei, o pai é um pai simbólico, Lacan (1999, p.180) vai dar uma maior exatidão a esse conceito afirmando que a ideia de que o pai é uma metáfora, um significante que surge no lugar de outro significante, o pai do complexo de Édipo.

O pai vem para barrar a mãe, “como objeto, ela é dele, não é do filho”, é o que se estabelece ao menos numa determinada etapa, independente se a criança for menino ou menina, temos então o princípio fundamental do complexo de Édipo, se ligando a proibição da lei crucial da proibição do incesto, o pai efetivando a frustração do filho da posse da mãe. (LACAN, 1999, p.174-178)

Lacan (1999, p.163) nos mostra que não só precisamos ter o Nome-do-pai, mas servir-se dele. A experiência analítica mostra que essa privação da mãe, do desejo de seu desejo, desempenha um papel muito importante, no desenrolar do Complexo de Édipo, em qualquer neurose. (LACAN, 1992, p.190).

Para introduzir o complexo de Édipo, antes é necessário significar o falo. Lacan (1998) pensará na doutrina freudiana tendo o falo não como uma fantasia, também não é um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade

interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clítoris, que ele simboliza. (LACAN, 1998 p.696). O falo é um significante, um significante do desejo, funciona como ordenador simbólico, possibilitando o sujeito situar-se frente ao seu desejo. Lacan atribui o falo à uma função apontando as estruturas a que serão submetidas ao sujeito, no tocante as relações entre os sexos. “Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm um efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas” (LACAN, 1998, p.701).

Alusivo ao complexo de Édipo lacaniano, Lacan (1992) situa três tempos e o primeiro destes, na relação fusional da mãe e o filho. Para começar a desenhar esse primeiro tempo é necessário haver a introdução do pai, apesar de que para a criança esse pai ainda não tenha entrado na cena edipiana. (LACAN, 1992, p.186)

A criança busca poder satisfazer os desejos da mãe: ser ou não ser o falo? Trata-se de uma “identificação como aquilo que é objeto do desejo de sua mãe”. Para contentar à mãe em relação aos seus desejos, a criança se coloca como ser o falo para ela. (LACAN, 1992, p. 197-198) Existe uma certeza psíquica onde a criança é o falo para a mãe, compreende-se aqui que o filho é o único objeto que possa satisfazer a mãe, também como a mãe seria um Outro completo.

No segundo tempo do Édipo há agora uma incerteza psíquica: ser ou não ser o falo? Há então um atravessamento de uma terceira pessoa, o pai (colocado aqui como função: função paterna), que ficará no cargo de fazer com que a criança se depare com a falta: frustração, privação e castração. (LACAN, 1992, p.198-200)

“O terceiro tempo é tão importante quanto o segundo, pois é desse tempo que dependerá a saída do complexo de Édipo. O falo, o pai atestou dá-lo em sua condição e apenas em sua condição de portador ou de *suporte*, da lei”. (LACAN, 1992, p.200)

O último tempo é o declínio edipiano. Dá fim, portanto, à rivalidade fálica em torno da mãe, a qual a criança instalou-se e instalou, imaginariamente, seu pai. A instância paterna é mudada, com essa mudança instaura também uma mudança de objeto. Lacan (1995), no seminário *As relações de Objeto*, aponta que:

“Com efeito, tudo o que se pode transmitir na troca simbólica é sempre alguma coisa que é tanto ausência como presença. Ele é feito para ter essa espécie de alternância fundamental, que faz com que, tendo aparecido num ponto, desapareça para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem, Em outras palavras ainda, o falo em questão – nós o reconhecemos desde logo – é um objeto simbólico” (LACAN, 1995, p155)

O falo aparece como simbólico e como tal pode circular na cadeia significativa (objetos fálicos). É o encontro com a falta que possibilita ao sujeito constituir-se como desejante.

Concernente ao lugar da criança no discurso das tramas inconscientes familiares, anteriormente já exposto, Miller (2014, p.4) distingue esse lugar, primeiramente, no que diz respeito ao par familiar ou, num segundo tempo, na relação fusional da criança com a mãe. Nas palavras de Miller (2014):

“Em primeiro lugar, o sintoma da criança é mais complexo caso resulte do par familiar, caso traduza a articulação sintomática desse par familiar. No entanto, por isso mesmo, ele também é mais sensível à dialética que a intervenção do analista pode introduzir no caso. Quando o sintoma da criança diz respeito à vinculação do par pai/mãe, ele já está articulado à metáfora paterna, plenamente articulado à metáfora paterna, plenamente envolvido nas substituições e, portanto, as intervenções do analista podem prolongar o circuito e fazer com que essas substituições prossigam.”
(Miller,2014, p.4)

Em segundo lugar, ao contrário, o sintoma da criança ocupa-se num lugar atrelado a fantasia da mãe. Miller (2014, p.4) Nasio (2007), ao situar que os sofrimentos neuróticos estão diretamente ligados ao Complexo de Édipo, o compara a uma lenda pela qual, independentemente da criança ter nascido numa família clássica, monoparental, homossexual, abandonadas, órfãs ou adotadas pela sociedade, vivenciará. O Édipo é um imenso despropósito: é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabeça e no corpo de uma criança e cujo objeto são os pais. A criança edípiana é uma criança que, em toda inocência, sexualiza os pais, introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo (NASIO, 2007, p.10)

Nesse sentido o Édipo:

é a experiência vivida por uma criança que absorvida por um desejo sexual incontrolável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais (NASIO, 2007, p.12)

“Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo e introduzir como essencial a função do pai”. (Lacan, 1999, p. 171)

“É na assunção do complexo de castração no menino e do *Penis-Neid*³ na menina, através do Édipo, que se traça para Freud a linha divisória mais certa entre criança e adulto [...] a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil constituiu uma pré-história, que só vai estruturar-se aspirada pelo primado do falo” (VALAS, 1991, p.143). Elucida Freud (1905, p.118) sobre essa disposição, nos *Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, que “é instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis.

Para Lacan, segundo Valas (1991, p.144), ele não descartava os termos desmame, puberdade, maturidade, mas vai se esforçar para acentuar as relações do desenvolvimento com as estruturas, articulando sua sincronia na metáfora paterna, afastando assim toda a noção de psicogênese. “A incorporação da estrutura é muito mais precoce, o Outro da linguagem pré-existindo ao sujeito, a palavra determinando desde antes de seu nascimento, não apenas seu estatuto, mas também a vinda ao mundo de seu ser biológico”. (VALAS 1991, p.144).

Valas (1991, p.145-146) distingue a criança do adulto se baseando em quatro pontos: no nível do significante, onde a criança é dividida pelo significante, situando a criança em maneiras diferentes, desde a criança que fala, marcada pela descoberta da castração materna, até chegar ao ponto de aprendizagem da escrita, no tocante ao nível da experiência cotidiana fenomenológica; no nível do gozo, cuja criança não dispõe do ato sexual, sem acesso ao gozo sexual que passa pela atuação do desejo do Outro, contentando-se com um gozo puramente masturbatório, encontrando a incidência da castração como ponto limite entre a criança e o adulto; no nível da história, em relação a experiência de vida, sem dispensar o discurso universitário na formação do sujeito, diferenciando o adulto e a criança, o primeiro destes, por estar locado neste discurso e para a criança num lugar de que seu saber nunca é o bastante e no nível do ato, no sentido de que no discurso do Mestre a criança se defina por não poder dispor dos meios de sustentar seu ato não quer dizer, no entanto, que ela não possa coloca-lo, sabendo que a criança pode entrar no ato analítico sim, condicionada pela colocação de suposto saber no analista.

4. O sintoma da criança

O sintoma, segundo Freud (1905, p.102) em *Três ensaios sobre a sexualidade infantil*, seria um substituto de processos investidos de afeto e de desejos que permaneceram recalçados, isto é, fora da consciência, constatando por esse caminho que os sintomas representam um substituto de aspirações que extraem sua força da fonte da pulsão sexual. Em resumo, temos uma situação de

³ O Penisneid, a inveja do pênis, é um termo que já aparece na obra de Freud em 1908, em “Sobre as teorias sexuais das crianças”, a inveja sendo ali tomada no sentido de ciúme, experimentado pela menina em relação ao menino que possui o órgão. (DRUMONT, 2011, p.04)

perigo, ligada a alguma satisfação pulsional proibida, que ocasiona o aparecimento da angústia, e as defesas são acionadas. Perante o conflito entre a satisfação pretendida e o que interdita essa satisfação, surge o sintoma, que busca uma conciliação. (MEIRA, 2004, p?)

“Entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas” (FREUD, 1905, p.103)

Fuhr e Laurindo (apud FARIA, 1988, p.84; SADALA et al., 1993, p.76) referem que ao falar do sintoma da criança, que é esta quem deve nomeá-lo e não seus pais. Sendo a criança o sujeito em questão, é seu discurso quem deve ser priorizado, devendo-se esperar para que o sintoma seja nomeado por esta ou construído na relação com o analista. Frisa-se, neste sentido, que em uma análise só pode haver o desejo do sujeito em questão, além do desejo do analista, que autoriza o início e se propõe a levar uma análise até seu fim.

O sujeito procura análise porque algo o incomoda, mas e a criança? Brisset (2013, p.14) salienta que seus sintomas interrogam os planos de governança e, em cada medida, fazem objeção às injunções dos anos modernos, demonstrando que não existe norma universal nem exame científico, cartilha educacional ou campanha de publicidade que possa dar a resposta final sobre a causa do desejo. A psicanálise, desde seu início com Freud vem mostrar que na prática analítica é imprescindível que se faça a subversão das crenças, padrões, valores do Outro para com o individual, no um a um, dando voz ao sujeito e neste caso, a criança.

Falar, desenhar, brincar, movimentar-se, jogar, cantar, silenciar, em transferência, desvela, ao mesmo tempo, os fantasmas ainda em construção na infância. O sintoma é via metafórica e subjetivante, seja como formação clínica ou estrutural. Na medida em que a angústia, motor de sua criação, transborda, encontramos o sintoma psicopatológico, frente ao qual a clínica se desvela como possibilidade de intervenção. Não para erradicá-lo, mas para dar lugar às palavras que o marcam (MEIRA, 1975, p.06).

Quando levamos em consideração o sintoma na clínica na orientação lacaniana, deparamo-nos com uma produção singular do inconsciente. Ele se apresenta como condição para o tratamento e a função do psicanalista é interrogá-lo para alcançar o que é mais singular no sujeito (DRUMMOND, 2012, p. 124). É necessário enfatizar a necessidade da escuta da criança, não vindo a tomá-la a partir da queixa de seus pais, ouvindo-a para que com ela sua análise possa ser decidida.

Às avessas, as respostas das crianças “furam” o cerco que lhes é destinado e inventam saídas para evitar esse enquadramento geral (BRISSET, 2013, p.16). São essas saídas que a criança encontra para se haver com Outro, produzindo sintomas. A partir daí é que os responsáveis nos procuram na tentativa de “curar” a criança-problema. Aqui, uma observação feita por Lacan (2003, p. 369) nos apontando, em *Notas sobre a criança*, que “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar”. Rouillon (2016, p. 03), aponta:

“O que nos indica, de fato, é que essa função de resíduo da família, longe de se conjugar com o ideal da função, prepara o lugar do sintoma e que é este último que é a verdadeira resposta do sujeito no encontro com o impossível da relação sexual. Nesse encontro, o sujeito se sustenta disto que se apresenta como sintomático na estrutura familiar e é a partir disto que aparece como falta que ele pode construir sua própria resposta. A relação com os pais lhe serve aqui de ponto de ancoragem, mesmo se as funções parentais permanecem sobrando em relação a isso que elas deveriam inscrever.”

Soares e Oliveira (2015 p.1055) indicam que a brincadeira é central para a clínica psicanalítica com criança considerando a construção do texto acerca da reflexão sobre a formação sintomática da criança e a relação com seus primeiros jogos constituintes. Entende-se que as manifestações sintomáticas da criança revelam uma verdade não dita de suas relações com o Outro e do laço parental, sendo o modo de comunicar-se nesse contexto e falar de si.

5. Segredos de Família

Em latim, *famulus* significa escravo, servo, servente, submetido. A família humana, instituição que registrou contínuas mudanças ao longo da sua história, é uma estrutura de relações simbólicas que nem sempre se sobrepõe ou coincide com a unidade biológica. (BASSOLS, 2016, P.08) “Assim, em primeiro lugar, devemos entender a família como um sistema simbólico de relações organizadas por um significante mestre que somente de modo contingente se identifica com os seus fins naturais de reprodução e descendência.” (BASSOLS, 2016, P.09)

Bassols (2016, p.08), ao falar sobre a novela familiar, afirma que ela está presente desde o começo da prática da psicanálise, bem como no discurso do sujeito contemporâneo, contudo essa temática se modificou consideravelmente. É que atualmente as transformações da família propõe outras questões que só podem ser abordadas além da estrutura clássica do Édipo e das suas formas patriarcais.

A construção do caso permitiu retomar as contribuições da psicanálise acerca do tratamento com crianças, apontando-se para um paciente que possivelmente é representado no que há de sintomático na estrutura de sua família. No caso de Aurélio, entendemos seu sintoma em relação a fala como um mecanismo de defesa, o seu sintoma, para sinalizar algo que está na ordem do insuportável de ser dito. O segredo do gozo familiar assume um caráter de modo eminente na criança, cujo sintoma representa muitas vezes o retorno da verdade deste segredo. (BASSOLS, 2016, P.10)

“Digamos então que é neste Outro campo do gozo, mais além ou mais aquém do falo, onde reside o segredo de toda família, seu principal assunto, esteja ele mais ou menos organizado pelas leis clássicas do parentesco. É o segredo do casal seja homossexual ou heterossexual em sua forma manifesta, monoparental ou não. Neste sentido, cada ser falante é servo do segredo do gozo familiar, o que uma análise ajuda a decifrar.” (BASSOLS, 2016, P.09)

Na atualidade, não existe mais lugar para os segredos, visto que o privado tornou-se público. Os materiais e dispositivos tecnológicos que nos são colocados, seja através de fotos, vídeos e áudios que a todo tempo circulam na televisão e em redes sociais, que ficam registrados. Esse excesso de exposição indica a falta de pudor com que assuntos mais íntimos são abordados. (ANDRADE, 2016, P.34).

Que um “segredo” seja “de família” não quer dizer que devamos localizá-lo no plano do coletivo, já que se trata aí de uma eleição: não falar. Que esse silêncio coincida com um acordo grupal, explícito ou implícito, com um ato de reciprocidade ou lealdade, ou qualquer outro ideal, não apaga a decisão do sujeito. O “segredo de família” não é ignorado, pelo contrário, se conhece, foi manifesto, e nesse sentido é um fato de discurso (ANDRADE, 2016, P.34). Nesse sentido, Miller (2007, p.83) coloca que a família é um lugar infinito de interpretação, afinal cada família tem um ponto de "não se fala disso", não existe família sem esse ponto, isso pode ser o tabu do sexo ou falar da falta de um ancestral, logo no centro dos assuntos de família encontram-se sempre coisas proibidas.

Guarda relação com o gozo do Outro, o gozo de um pai ou de uma mãe: a infidelidade, o incesto, o crime, a psicose, para citar alguns exemplos. Não são raras as demandas de análise que têm a ver com essa sensação de haver calado por demais, com essa necessidade de dizer, de contar, de denunciar o acontecido: um ato do Outro-familiar que rasgou o véu dos semblantes, que foi vivido com horror e destinado à indignação. Trata-se do momento de encontro com algo traumático. (ANDRADE, 2016, P.34)

6. Caso Clínico

Aurélio é o filho mais velho, morando com seus pais e sua irmã, atualmente, contudo antes todos moravam com os avós maternos e uma prima em outra casa. Foi trazido ao Serviço Escola de Psicologia da UFCG através de um encaminhamento da creche onde estuda. A queixa foi sobre sua dificuldade com a fala.

Na triagem, noto um boneco que o garoto segura firmemente em suas mãos, tratava-se do boneco de *Darth Vader*, personagem do filme *Star Wars*. Durante a triagem, sua mãe pede para que ele se sente e fale com o “doutor” que “diga que está bem!”. Neste momento, algo da demanda dos pais, de que o menino dissesse que está bem pode ser esboçado, mesmo que nas palavras da mãe, já que não se podia compreender o que Aurélio dizia, apenas quando ele disse seu nome. Notei o quanto poderia ser difícil os atendimentos futuros, devido a dificuldade com a linguagem.

De maneira alguma deixei de escutar a queixa dos pais, contudo foi a vez do pequeno Aurélio falar, afinal apesar da criança ser atravessada por vários discursos, como o do mestre, pedagógico, social, religioso e etc. é preciso que entender que a criança também tem seu próprio saber, bem como salienta Lefort (1991, p.11) “[...] se afastar deste discurso dos pais, desse gozo, para encontrar seu próprio discurso, que será variável, aliás, conforme a idade dela no momento do trauma”. É na singularidade de cada caso que iremos pesquisar o sintoma apresentado pela criança, tendo em nosso horizonte de possibilidades que se trate de uma questão do casal ou mesmo da mãe (Brauer 1997 p.92).

No primeiro atendimento, para minha surpresa, ele traz novamente seu brinquedo do *Darth Vader*. Pergunto então quem seria, ele me responde “*Tolote*”. Mostrei-lhe vários brinquedos e então iniciou nossa “brincadeira”. Das muitas palavras que verbalizava poucas são compreendidas por mim. Mas não tentei interpretá-las, pois “cabe a nós escutá-la sem nos apegarmos a um saber que poderia produzir fechamento, que produz fechamento; cabe a nós nos tornarmos disponíveis, fazer tábula rasa de um discurso prematuro – o nosso, ou dos pais – e não ser mais uma voz que deixa lugar à criança como analisando por inteiro (LEFORT, 1991, p.12).” Aos poucos pudemos conversar, minimamente, sobre “*Tolote*”. Disse-me então que seu tio Lucas havia lhe dado de presente, mas que o “*home mal deu pá no meu tio*”.

Já no segundo atendimento me questiono se esse sintoma produzido por Aurélio não seria a tentativa de pedir ajuda concernente ao que estava diante de si no seio familiar. Perguntei o nome da sua mãe, me respondeu “*Tanta*”. Lacan (1992) afirmou que a mãe é como um crocodilo, em cuja bocarra a criança se encontra. O que mantém a bocarra aberta e a criança a salvo é o falo. Salvar-se da bocarra devoradora da mãe põe a criança na construção de uma relação com o mundo, uma

acomodação para com seu pequeno mundo, ou seja, produção de respostas para a realidade que a cerca. Para que estas respostas sejam forjadas é necessário que a Metáfora Paterna tenha produzido o Nome-do-Pai e o falo como resultado (FERRANTI, 2002, p.87). Durante o atendimento, ele fala que: “*me, dorme com minha mãe*”, e em relação a seu pai, disse que dorme “*perto da minha mãe*”, e sua irmã (que ele a chama de “*o ar*”) “*perto da minha mãe*”. Qual o lugar da criança no enlace parental que precisa, ainda, dormir na mesma cama com os pais?

Nesse mesmo atendimento Aurélio fala que tem medo de um monstro que assusta sua mãe toda noite, em seguida fez uma onomatopéia “*Buh! Monstro, Buh!*”. Ele me revela também que seu pai “*diz porra com minha mãe e é feio*”. Chamando-me de “*Tael*”, me pega pelo braço e me põe no canto da sala dizendo que tem uma surpresa e que eu fechasse os olhos. Ele me entrega um brinquedo que ele batiza de “*Sítio*”. Perguntei sobre esse sítio, fala que é de sua “*Tia Lan*”. Fala que “*Tolote*” e Lucas estão na sua “*Taça*”, apontando para uma casa, nos brinquedos da sala. Soares e Oliveira (apud JERUSALINKY, 2009) reconhecem que para a criança na brincadeira tudo é possível e a ficção ocupa a cena com valor primordial para os desdobramentos metafóricos daquilo que é vivido no real. Essas articulações significantes empurram à expansão imaginária em que se materializa num faz-deconta as inscrições do simbólico.

Os atendimentos seguem e ele já não traz mais “*Tolote*”, agora ele traz outro brinquedo, um carro que monta e desmonta. “*Tolote sem espada*”, em seguida faz onomatopéia “*Tcha! Tcha! Tcha!*”, fazendo gestos como se estive segurando uma espada. Seu carro, quando perguntado, se chama “*Popopi*”. Pela primeira vez me chamou de “*Taiel*”, se aproximando mais do meu nome. “*Taiel, o carro tá tançado*”. Perguntei quem brinca com ele em casa, ele me responde que todos, “*Todos tintam*”. E pela primeira vez, falou perfeitamente “*Meu pai*”, antes só o chamava de “*Papá*”. Eu havia entendido que todos pintam com ele: “*Quem pinta com você?*”, ele me corrige: “*Não, homem tem pinta e mulher tem pipiu*”.

No atendimento seguinte ponho uma casa de brinquedo e coloco seis bonecos em cima da mesa e esperei para que ele iniciasse o seu brincar. Ele colocou todos os bonecos dentro da casa. Perguntei quem eram as pessoas que estavam dentro da casa, ele me respondeu “*meu avô, minha avó, meu pai, minha mãe, minha irmã e minha prima*”. Perguntei como estava essa casa, contudo não consegui entender o que ele respondeu, insisti outras três vezes, mas nenhuma resposta que pudesse compreender. Dentre os bonecos, ele pega um, o único idoso de todos e me fala: “*me tem medo de meu avô*”. Atentei-me a isso e perguntei qual era o medo: “*me tem medo de subir em cima do meu avô*”, em seguida indaguei se ele gostava do avô ele me disse “*si*”. Tentei investigar mais sobre esse medo, mas ele sempre se recusava dizendo “*Vamos tintar, Taiel, você não está tintando*”.

Lacan apresenta a premissa de que o inconsciente está estruturado como linguagem. A criança está inserida no mundo da linguagem, sendo assim ela é capaz de se

expressar através do discurso e da associação livre. Um discurso que se manifesta diante de facilitadores lúdicos que possibilitam que o significante deslize. A posição do analista é de escuta desse discurso. Uma condição, entretanto, é essencial na análise de crianças como no adulto: o sintoma. (BARBOSA, Jane; CHAVES, Wilson, 2017, p.04)

Após mais de um mês de atendimento com o pequeno Aurélio percebi que deveria atender os pais. Então acordei que o próximo atendimento seria com os dois e que seria de extrema importância que ambos viessem. *A priori*, atendi os dois juntos. Eles disseram que Aurélio estava “se desenvolvendo bem” e que a sua professora havia dito que “ele está melhorando com as palavras”. Iniciei agradecendo a vinda deles e que Aurélio havia me falado algumas coisas sobre a família e gostaria de saber como é a relação de todos os membros para com ele e como ele se coloca com os outros. Mariana⁴, a mãe, me fala que ele é um menino muito educado e que “ele não dá trabalho”, mas se irrita facilmente quando não lhe dão o que pede, “ele tem o jeito calmo do pai”. Apesar dela ter falado que o pai é calmo, conta que ele diz muito palavrão e o próprio Aurélio os alertava que isso era feio. Dizem que brigam muito em casa e que as crianças presenciam tudo. Falam alto, gritam, há xingamentos. Perguntei qual a relação que ele tinha com “*Star Wars*” e quem tinha lhe apresentado, ao que sua mãe esclarece que foi o seu tio, chamado “Lucas”. Tentei investigar mais sobre esse tio, afinal em quase todos os atendimentos seu nome é citado por Aurélio. Mariana me fala que seu irmão (Lucas) mora longe e que Aurélio tem um apreço muito grande por ele, não só por ele, mas pelos dois irmãos dela.

Ao ouvir o pai de Aurélio, este me revela algo do segredo familiar sobre os irmãos da esposa. Lucas, tio de Aurélio, cujo “*home mal deu pá*” está preso, junto com seu outro irmão. O “*sítio*” que Aurélio havia me dado, em uma das nossas brincadeiras, serviu de cativo para os seus tios. O pai me fala também que foi viciado em drogas por muito tempo e se culpa. Fala que sua esposa tem vergonha de falar sobre seus irmãos e por isso me disse que estavam morando longe. Sua filha, irmã de Aurélio, no seu discurso, é alguém que salvou seu casamento e foi um dos motivos que o tirou das drogas. No período de vício, não tinha muita comida em casa e o pouco que ganhava comprava drogas. Em um determinado dia, recebeu por mensagem uma foto de seu cunhado baleado, quando notou que seu filho, Aurélio, havia visto a foto e ficou surpreso. Uma vez a polícia chegou a entrar na casa deles procurando Lucas, segundo o pai, foi agredido fisicamente chegando a ficar desfigurado, enquanto isso Aurélio dormia.

⁴ Para que pudesse descrever este caso clínico, por questões éticas mantive em sigilo seu nome, usando então um nome fictício.

No atendimento seguinte com Aurélio, ele se direciona para uma caixa de brinquedos e enquanto isso me fala “meu pai é mentiroso, mas não tem medo de nada”. Soares e Oliveira (apud JERUSALINKY, 2009) admitem que:

A criança está privada do olhar do Outro que poderia impossibilitá-lo de encenar a separação simbólica ou articular conteúdos que seria censurado. Para isso o analista se dispõe de corpo com o brincar, implicando-se num jogo que possibilita falar daquilo que seria insuportável para os pais escutar. Conteúdos primordiais na clínica que investem num saber para a criança lhe permitindo sair do lugar de objeto no fantasma dos pais.

Coloquei alguns bonecos sob o chão e ele os nomeou de “pai, mãe, avó, avô, prima, irmã e eu”. Pegou dois bonecos intitulados de “*Optimus Prime e Popopi*” e em seguida espalhou os bonecos pela sala que até então estavam juntos no chão. Perguntei o motivo dele ter separado os bonecos, mas não me respondeu. Havia na sala um quebra cabeça que peguei para jogarmos, afinal as coisas que ele me traz são sempre bonecos que montam e desmontam, além da separação de outros objetos, numa tentativa lúdica de fazê-lo juntá-las. Do lado de cada quebra-cabeça há uma história que narra a imagem do jogo, enquanto lia ele deitava a cabeça no meu colo para ouvir a história para só então montar as peças, pedindo meu auxílio. Na terceira página ele desiste e diz que agora é hora de brincar com a família. Então ele coloca todos dentro de uma casa de brinquedo, utiliza de “*Optimus Prime*” para dar algumas batidas na casa e o questiono se esta casa estaria bem e por que alguém estaria batendo nela, ele não responde, mas se levanta e sacode a casa de cabeça para baixo em seguida ele fala: “*meu pai caiu, meu pai caiu*”, eu indago sobre quem mais ter caído, afinal todos os bonecos caíram, mas ele responde “*só meu pai caiu!*”. Depois disso ele passa a me chamar de “*Paiel*”. Ele fala que aquela era sua casa e viu um desenho de um cachorro estampado em um dos brinquedos e mencionou não haver cachorro em sua casa, porque não havia portão. Perguntei o que havia na sua casa, ele me diz “fogão, geladeira, banheiro...”. Após isso ele brinca de preparar algumas comidas para mim e diz que na sua casa não tem muita comida, mas come tudo - inclusive as próprias palavras.

Em um dos últimos atendimentos, até então, Aurélio traz consigo um brinquedo, o *Pikachu* e sua “*Totepola*” (Pokebola), como ele mesmo enfatiza: “*Olha o tinteto que eu tósse!*”. Perguntei como ele estava e como estavam as férias, me respondeu que estava bem e que havia ido para a praia e brincou com a areia. O questiono com quem tinha ido, ele me disse que com seus pais. Segundo ele, passa suas férias brincando, então indago com quem brinca e quem seria seu melhor amigo no seu bairro ou na sua rua, ele me responde: “*Outro Paiel como você*”, “-Como é outro

Paiel? ”. Porém não consegui entender o que ele disse após eu ter perguntado como seria um Paiel como eu. Em seguida ele me trouxe um brinquedo, uma espécie de casa em formato de polígono heptágono (sete lados) e cada lateral havia uma porta com cores diferentes e as sete portas se abrem com uma chave diferente respectivamente com as cores das sete chaves. Pedi que ele abrisse cada porta e eu o informei que dentro de cada porta havia segredos e ao passo que ele pudesse abrir as portas os segredos poderiam ser revelados a mim, ele concordou. Cada porta tem um furo, então preencheu alguns dos furos das portas com peças de jogo de futebol de botão, então pedi que ele abrisse o primeiro segredo (a primeira porta). Eu disse que qualquer coisa que pudesse sair dali seria nosso segredo e que ele confiasse em mim, Aurélio então começa a verbalizar palavras aleatórias “*talalalala*”, “*chacalacauê*”. Logo, perguntei o motivo dele estar fazendo aquilo e que não precisava falar daquela maneira para me esconder algo, ele me disse em seguida: “*Agora é sua vez de me falar um segredo!*”. Eu peguei a segunda chave e o disse “Meu segredo é que o que acontece aqui nessa sala eu não falo para outras pessoas, nossos segredos ficam aqui dentro.”. Ele disse que seria a vez de outra “*tiança*” (criança) falar seus segredos. Eu peguei um fone de ouvido, os coloquei num cavalo de brinquedo e disse que ninguém iria escutar o que a gente estava conversando: “-Pronto, Aurélio! Eu sei que você quer me falar algo, mas não consegue e estou aqui pra te ajudar, pode me falar agora! Tem alguma coisa que você não fala a ninguém?”, ele me disse que sim, mas falou que “*Talessanto perdeu a voz*”, “-Quem é Talessanto?”, “-*Ele não é meu amigo*”, “-E quem é Talessanto? Por que ele não é seu amigo? O que ele fez com você?”, “*Talessanto não existe. Talessanto perdeu a voz. Vamos Tintar, Paiel!*”.

7. Conclusão

O caso partiu de uma questão sobre o sintoma ocasionado por uma criança atendida no serviço escola de Psicologia da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande. A análise e a leitura do caso clínico permite situar a evolução de Aurélio, alusivo ao seu sintoma. Para tanto, foi necessário atravessamentos de obras de autores freudianos e lacanianos, apontando a importância da singularidade do sujeito em relação as tramas inconscientes e a maneira que este responde, surgindo então sintomas.

No decorrer do tratamento procurou-se compreender o que sinalizava o sintoma de Aurélio. Os efeitos terapêuticos foram surgindo paulatinamente e Aurélio avançava na direção de poder se haver com seu sintoma frente ao Outro.

Através dos significantes que a criança trouxe pude construir o caso. Na sua “*alíngua*” pôde me falar, a sua maneira, que sua mãe é “*Tanta*”, sobre os segredos que permeiam sua família, não da

ordem da consciência, mas algo da ordem do dito, também sinalizando suas relações com seu pai. Para ele, um mentiroso.

Apesar da criança não se expressar da mesma maneira que os adultos, ou seja, pela livre associação das palavras, foi a partir do brincar que pude situar sua relação sintomática com sua família. Aurélio responde de maneira inconsciente o que aparece de sintomático na sua estrutura parental.

A questão que me trouxe a todo momento foi a tentativa de não interpretar os significantes, apesar de difícil, em relação a interpretar pelo sentido. Interpretar seria fechar a escuta, poderia deixar que algo passasse despercebido.

Apesar da relação transferencial ter sido construída rapidamente, não posso deixar de salientar como pode ser difícil um tratamento com crianças, a implicação dos pais nesse tratamento em questão auxiliou bastante o meu manejo.

Aurélio nos ensina que cada sujeito é único, que cada sintoma é singular, não há universalidade. Ensina, em minha formação de analista (praticante de psicanálise), que pela via do brincar é também um lugar de escuta e mesmo com problemas com a fala pôde ser ouvido e não foi por acaso que o chamei de Aurélio.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, R. Segredos de família. Lacan XXI. **Revista Fapol On line**, v. 25, n. 10, 2016.
- BARBOSA, Jane; CHAVES, Wilson. **Sintoma Da Criança: Manifestação Do Sujeito Frente Ao Outro**. São João del Rei. [2017?].
- BASSOLS, M. Famulus. Lacan XXI. **Revista Fapol On line**, v. 25, n. 10, 2016.
- BRAUER, Jussara Falek. Sobre o trabalho analítico com crianças. **Estilos da Clinica**, v. 2, n. 3, p. 76-82, 1997.
- BRISSET, Fernanda et al. **Crianças falam! e tem o que dizer**. Belo Horizonte, 2013.
- CLASTRES, Guy. A criança no adulto. **A criança no discurso analítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 136-140, 1991.
- COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. Zahar, 2007.
- DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana [Online]**, v. 2, n. 6, p. 1-14, 2011.
- DRUMOND, C; **Os princípios da prática analítica com crianças**; Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8U4KAK/tese_inteira.pdf?sequence=1> Acesso em 01 de fevereiro de 2016.
- FERRANTI, Valéria. Um saber sobre a criança. In: **Proceedings of the 4. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**. 2002.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade infantil. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1905.
- FUHR, Kelin Janaine; LAURINDO, Michaela Carla. **A Demanda Na Psicanálise Com Crianças**. 2015. **Gaúcha**. 2015. p. 1048-1056.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 5-as formações do inconsciente**. Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1972-1973a). **O seminário. Livro 20. Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 4: As relações de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. Nota sobre a criança. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 369 – 370.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 1998.

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. Unidade da psicanálise”. **A criança no discurso analítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. **Opção lacaniana**, v. 21, p. 7-12, 1998.

MEIRA, Ana Marta. Clínica Psicanalítica com Crianças. **DRÜGG, AMS; FREIRE, KS**. 1975.

MEIRA, Yolanda Mourão. **As Estruturas Clínicas e a Criança**. São Paulo: casa do psicólogo, 2004.

NASIO, J.-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Zahar, 2007.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Zahar, 2012.

ROUILLON, Jean-Pierre. **O trabalho com os pais – da função de resíduo à surpresa**. Opção Lacaniana, 2016.

SOARES, Ana Paula Rabello; OLIVEIRA, Maria Marta. O sintoma e o brincar da criança na clínica. In: **Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra**

VALAS, Patrick. O que é uma criança. **A criança no discurso analítico**. MILLER, 1991.